

A FLEXÃO DE CASO DOS PRONOMES PESSOAIS NO PORTUGUÊS RURAL AFRO-BRASILEIRO

Elisângela dos Passos Mendes¹

Resumo: Este trabalho foi desenvolvido no âmbito do Projeto Vertentes do Português Rural do Estado da Bahia, cujo objetivo é atestar a relevância do contato entre línguas na formação do português brasileiro. Com base em um corpus constituído por amostras de fala espontânea coletadas em comunidades afro-brasileiras, e utilizando os princípios teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (Labov), desenvolvemos uma reflexão acerca da flexão de caso dos pronomes, a fim de observarmos se no dialeto afro-brasileiro há a redução da flexão casual dos pronomes pessoais como ocorre nas línguas crioulas, nas quais temos uma mesma forma pronominal para exercer as funções de sujeito e complementos verbais. Para analisar o fenômeno linguístico, estabelecemos como variável dependente a flexão de caso do pronome da primeira pessoa do singular (ex: *ele gostava muito de mim!* // *ele gosta muito de eu!*), e algumas variáveis linguísticas e sociais, como: a) pessoa; b) função sintática do pronome; c) tipo de oração; d) regência da preposição; e) presença de partícula enfática; f) tonicidade; g) idade; h) sexo; i) escolaridade; j) estada fora da comunidade. Os resultados demonstraram após uma segunda rodada do VARBRUL que os pronomes flexionados correspondem a 94% de realização, e o não-flexionado a 6%, ou seja, que não está ocorrendo a perda da flexão casual no dialeto afro-brasileiro, mas que há uma porcentagem de realização de pronomes não-flexionados que podemos considerar como significativa.

1. INTRODUÇÃO

No século XVI, com a emergência e prosperidade dos engenhos de cana-de-açúcar, cresceu a demanda por mão-de-obra escrava. Inicialmente, os colonizadores tentaram escravizar o índio, mas estes não se sujeitaram ao trabalho escravo, e, além disso, os jesuítas promoviam campanhas contra a escravidão indígena. Diante disso, percebeu-se que se fazia necessário buscar uma outra fonte de mão-de-obra. E, assim, a solução para os donos de engenho foi investir no tráfico de escravos africanos, o denominado *tráfico negreiro*, através do qual um grande número de escravos foi importado da África.

Migrando sempre para as regiões econômicas mais promissoras do país e, desempenhando, além do trabalho braçal, outras tarefas, como afirma Mattos e Silva (2000), os africanos integravam-se cada vez mais no seio sociedade, e com o aumento da necessidade de manter a comunicação com os seus senhores, tiveram que adquirir a língua portuguesa, língua dominante, como uma segunda língua. Entretanto, essa aquisição do português como segunda língua por parte dos negros africanos ocorreu de forma precária, pois eles tinham um difícil acesso aos falantes nativos do português e, conseqüentemente, aos modelos da língua-alvo. Esse modelo defectivo do português tornou-se língua materna dos descendentes dos escravos africanos, assim como também da maioria dos mestiços que nasciam do cruzamento dos senhores e capatazes com as negras escravas, desencadeando, não um processo de *crioulização*, mas um processo de *transmissão linguística irregular* (cf. LUCCHESI, 2003).

¹ Mestranda em Letras Vernáculas da Universidade Federal da Bahia – UFBA. E-mail: lilapmendes@ig.com.br. Orientador: Dante Eustacchio Lucchesi Ramacciotti.

O Projeto Vertentes do Português Rural do Estado da Bahia busca reunir elementos que confirmem a hipótese da relevância desse contato entre línguas, sobretudo do português com as línguas africanas na formação do português brasileiro. Para isso, analisa estruturas lingüísticas no nível morfosintático em amostras de fala de comunidades rurais remanescentes de antigos quilombos, uma vez que nestas podem ser atestadas marcas significativas de um processo anterior *de transmissão lingüística irregular*.

Atentando para os aspectos supracitados, a pesquisa concentra-se no estudo da flexão de caso dos pronomes pessoais e tem como finalidade observar se há redução da flexão de caso dos pronomes pessoais no português afro-brasileiro, uma vez que em situações de contato entre línguas mutuamente ininteligíveis ocorre redução da morfologia flexional, o que podemos, de fato, atestar nas línguas *crioulas*, em que temos a mesma forma pronominal atuando como sujeito e complementos verbais.

Consideramos bastante relevante o desenvolvimento deste trabalho, uma vez que estamos abordando um fenômeno lingüístico pouco explorado. Esperamos com uma análise desse tipo, além de ampliar o conhecimento acerca da flexão casual dos pronomes pessoais, contribuir para o esclarecimento da formação do português brasileiro e da atual realidade sociolingüística brasileira.

2. METODOLOGIA

O nosso trabalho segue os princípios teórico-metodológicos da Teoria da Variação que, reconhecendo a língua como heterogênea, propõe-se a analisar e a sistematizar um fenômeno lingüístico em variação.

O *corpus* analisado é constituído por amostras de fala coletadas nas comunidades de Helvécia, Cinzento, Rio de Contas e Sapé, comunidades rurais que se mantiveram isoladas geograficamente e que são marcadas etnicamente pela presença maciça de descendentes de escravos africanos. As entrevistas que compõem o *corpus* foram realizadas de maneira bastante informal, sendo possível, portanto, extrair dos informantes o seu vernáculo, ou seja, a sua fala mais espontânea. Para a elaboração do trabalho, observaram-se vinte e oito inquéritos que possuem aproximadamente a duração de uma hora e que foram organizados de acordo com os seguintes aspectos: sexo, escolaridade (não-alfabetizado ou semi-alfabetizado), estada na comunidade (ausência ou não da comunidade por pelo menos seis meses) e a faixa etária (I - 20 a 40 anos/ II - 40 a 60 anos / III acima de 60 anos).

Tendo em mãos as entrevistas digitalizadas e transcritas, foi realizado o levantamento exaustivo das ocorrências dos pronomes pessoais. Posteriormente, foi montado um quadro com os pronomes pessoais do português afro-brasileiro de acordo com algumas funções sintáticas. A partir desse quadro, foram selecionados, para fazer um estudo variacionista, os pronomes de *primeira* e *segunda* pessoa apenas nas funções de *objeto direto*, *objeto indireto*, *complemento oblíquo* e *complemento circunstancial*; e *adjunto adverbial*. Enfim, as ocorrências selecionadas foram codificadas, considerando variáveis lingüísticas e sociais e, após a codificação, foram quantificadas, tendo como suporte o pacote de programas VARBRUL.

3. OS PRONOMES PESSOAIS

O sistema pronominal do português brasileiro foi amplamente estudado por José Lemos Monteiro (cf. MONTEIRO, 1991), que observou o uso das formas pronominais na norma culta, analisando inquéritos das cidades do Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Salvador e Recife, recolhidos pelo Projeto NURC. Em seu trabalho, apesar de admitir que o sistema pronominal do português culto brasileiro se encontra em fase de mudança e de que “é difícil elaborar um quadro que indique todas as flutuações” (MONTEIRO, 1991, p.176), Monteiro estabelece um esquema trifuncional, reproduzido na figura 1, a seguir:

Sujeitos	Complementos	Adjuntos
Eu	Me, mim, comigo	Meu(s), minha(s)
Nós	Nos, nós, nosco	Nosso(s), nossa(s)
Tu, Você(s)	Te, ti, tigo Lhe(s) Se, si, sigo	Teu(s), tua(s) Seu(s), sua(s)
Ele(s), Ela(s)	Lhe(s), Se, si, sigo o(s), a(s) lo(s), la (s) ele (s), ela(s)	Dele(s), dela(s)

Figura 1: Os pronomes pessoais na norma culta brasileira.

Monteiro, nesse mesmo estudo, faz referência à perda de caso de algumas formas pronominais, afirmando que o sistema pronominal do português brasileiro encontra-se “em fase de desestruturação, com uma forte tendência para a extinção” (MONTEIRO, 1991, p.118). Esta tendência, segundo o autor, deve-se, sobretudo, a introdução de novos pronomes, como o *você(s)* e *a gente* que atuam como sujeitos e também em qualquer outra função sintática (cf. MONTEIRO, 1991). Além disso, Monteiro não deixa de mencionar o uso do *lhe* como objeto direto, com emprego mais constante em referência à segunda pessoa do discurso, e o uso dos pronomes do caso reto *ele(s)* e *ela(s)* em função de acusativo, o que demonstra uma espécie de fuga à utilização dos clíticos *o(s)* e *a(s)* (MONTEIRO, 1991, p.115).

Nas *línguas crioulas*, ao contrário do que ocorre na norma culta brasileira, é categórico o uso da mesma forma pronominal de *primeira*, *segunda* e *terceira pessoa* para as funções de sujeito e complemento verbais, como podemos observar, por exemplo, no sistema de pronomes pessoais do crioulo de Cabo Verde (cf. SILVA, 1984, p.132-133) apresentado na figura 2:

Os pronomes pessoais no crioulo de Cabo Verde		
	Sujeito	Complementos
1ª pessoa do sing.	m,ĩ (Sot.)	mě, mî
2ª pessoa do sing.	bô (Barl.); bô, bɔ e bû (Sot.).	bě (Barl.), bô e bû (Sot.)
3ª pessoa do sing.	êl (Barl.); êl e ê(Sot.)	l, êl.
1ª pessoa do plural	nô(Barl.); nû e dû (Sot.)	ně (Barl.); nos, nũ (Sot.)
2ª pessoa do plural	bôsê e bzôtê (Barl.); ôsê e sê (Santo Antão); bŭsé (Boa Vista); bôsêz; ôsêj, sêj, bŭsêz; nô e nôz, nã e nãz (Sot.)	bôsê e bzôtê (Barl.); ôsê e sê (Santo Antão); bŭsê (Boa Vista); bôsêz; ôsêj, sêj, bŭsêz; nô e nôz, nã e nãz (Sot.)
3ª pessoa do plural	êz (S. Nicolau); êj (S. Vicente); êr (Boa vista)	-z (S. Nicolau); -j (S. Vicente e Anto Antão); -r (Boa Vista); êz (São Nicolau) êj (S. Vicente e Santo Antão); êr (Boa Vista).

Figura 2: Os pronomes pessoais no crioulo de Cabo Verde.

Desta forma, encontramos no crioulo caboverdiano frases em que uma mesma forma pronominal desempenhe funções sintáticas diferentes, como é possível atestar no exemplo abaixo, extraído do estudo de Almada (1961):

(i) *ɛlɔ dɔl ɛlɔ - ele deu-lho*

De acordo com a autora, nesse exemplo, o sujeito e o objeto direto possuem forma plena, enquanto o indireto está ligado ao verbo por ênclise (ALMADA, 1961, p.146).

Na nossa pesquisa, procuramos também estabelecer um quadro com as ocorrências dos pronomes pessoais de acordo com algumas funções sintáticas, afim de verificarmos se no dialeto rural afro-brasileiro está ocorrendo redução da morfologia flexional de caso dos pronomes pessoais (cf. figura 3):

SUJ	OD	OI ²	OBL ³	ADVERBIAL ⁴
Eu	Me ~ <u>eu</u>	Me ~ de mim ~ comigo	de(ni) mim ~ <u>de (ni) eu</u> ~ comigo	pra mim ~ <u>mais eu</u> ~ comigo
Tu/ você	<u>Tu (1 caso)</u> ~ te ~ lhe ~ você ('ocê)	Com <u>Tu (1 caso)</u> ~ te ~ lhe ~ a você	com (de) você	Pra (com) você
Ele/ela	Ela / ele	a(com) ele	Dela / pra ela / com (ni) ela	com (pra) ela/ ele mais ela
Nós/a gente	A gente ~ nós	(pra) à gente ~ nós	Com a gente / de nós	pra nós (pra gente) / mais nós / mais a gente
Vocês		pa vocês		Pa vocês/ mais vocês
Eles/ elas	Elas/eles	pra(a) eles	deles/ neles/ com eles	Pra elas/ mais eles

Figura 3: Os pronomes pessoais no português afro-brasileiro

Observando o quadro anterior, constatamos que:

(i) na primeira pessoa do singular, a forma pronominal do caso reto encontra-se em variação com as formas oblíquas nas funções de *objeto direto* (*meu pai me criô / o marido num quis eu não*), *oblíquo* (*todo mundo depende de mim/ eles depende de eu*) e *adjunto adverbial* (*tu vem ficá aqui comigo; ela num quis ir mais mais eu não*), ressaltando que na função de objeto indireto não ocorre o pronome sujeito *eu*, dando-se a variação somente com o *me*, *mim* e o *comigo* (*me dá meu 'menduim; deu pra mim; a palavra falô comigo*);

(ii) ocorre a migração do pronome *lhe* para a *segunda pessoa do singular*, entrando em variação com o *tu* (1 caso), o *te* e o *você*, na funções de objeto direto (*eu já lhe vi; só num já matei tu; eu vô te levá po Cinzento; eu vi ocê*) e indireto (*eu vô lhe conta; num falei com tu não te dô a conta; eu cansei de falá com você*). Já nas funções de oblíquo (*se eu brigá com você*) e adverbial (*vê se o menino tira uns côcos p'ocê*) aparece apenas a forma de caráter nominal *você*, regida pela preposição própria;

(iii) na terceira pessoa do singular, não há variação entre as formas do caso reto e as oblíquas, uma vez que observou-se o uso dos pronomes sujeito *ele/ela* em todas as funções sintáticas;

² Só os casos em que se pode substituir por um clítico, geralmente regido pelas preposições *a* e *para*.

³ Compreende os demais complementos verbais regidos por preposições do tipo *de*, *com*, *em* etc.; excluindo os adverbiais.

⁴ Ao contrário dos constituintes objeto indireto (dativo) e oblíquo, os adverbiais não fazem parte da grade temática do verbo.

(iv) na primeira, segunda e terceira pessoa do plural também perdeu-se a variação, uma vez que as formas do caso reto são utilizadas em todas as funções sintáticas;

(i) o uso do *mais* com valor prepositivo na função de adjunto adverbial, o que também é característico das línguas crioulas.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos com a análise quantitativa dos dados gerada pelo pacote de programas VARBRUL demonstraram que, em um total de 648 ocorrências, o pronome flexionado corresponde a 85%, e o pronome não flexionado a 15 % de realização. No entanto, para se chegar aos resultados aqui descritos e analisados, foi realizada uma segunda rodada do VARBRUL, na qual foram eliminadas as ocorrências da 2ª pessoa, sendo mantida, portanto, apenas as da 1ª pessoa. Além disso, foi realizada também a fusão de alguns fatores, como o das funções sintáticas *sujeito-objeto* (ex: *dêx' eu mostrá ao senhô qual' é aqui...*) com *predicativo do objeto* (ex: *dexô eu molinho*); e *complemento circunstancial* com o *complemento oblíquo*; o das preposições *para*, *por* e *a*, assim como as preposições *de* e *em*; e eliminou-se o *mais* com valor de preposição, pois nessas estruturas é categórico o uso do pronome não flexionado (ex : *Joselito faz a missa aqui mais eu.*). Nessa segunda rodada, na qual obtivemos um total de 525 ocorrências, o pronome flexionado correspondeu a 94% de realização, e o não-flexionado a 6%.

A partir desse resultado, destacamos algumas variáveis que se mostraram relevantes para análise da nossa variável dependente, como:

1) Função sintática do pronome

Observando a tabela 1, observamos que a função sintática *objeto direto* (ex: *ele me largô*) é a que mais desfavorece a realização dos pronomes não flexionados. O objeto indireto e o adjunto adverbial também desfavorecem a não flexão dos pronomes. E que a função *complemento circunstancial* e *complemento oblíquo* (ex: *se tu botá um n'eu...*) é a que mais favorece. Não consideramos relevante a função *sujeito-objeto* como contexto favorecedor da não-flexão de caso pelo fato de que este é um tipo de construção especial, em que a tradição recomenda o uso da forma do caso reto.

Tabela 1: Ocorrências dos pronomes não-flexionados de acordo com a sua *função sintática*:

FUNÇÃO SINTÁTICA DO PRONOME	nº de ocorrências / Total	Frequência
Objeto Direto	12/198	6%
Adjunto Adverbial	1/75	1%
Objeto Indireto	1/163	1%
Sujeito-Objeto	25/44	57%
Circunstancial/ Oblíquo	7/45	16%
TOTAL	46/525	9%

2) Tipo de oração

Com os dados expostos na tabela 2, podemos observar que a oração matriz não favorece e nem desfavorece a flexão de caso do pronome, ao contrário das orações encaixadas que, por apresentarem um percentual bem abaixo de 5%, mostra-se como contexto favorecedor da flexão de caso. Isso pode ser explicado pelo fato de que as orações encaixadas são estruturas mais complexas que exigem, portanto, do falante uma maior atenção no momento da sua construção (ex: *eu acho que ME machuca bastante; tem umas pessoa aí que ME ajuda*).

Tabela 2: Ocorrências dos pronomes não-flexionados de acordo com o *tipo de oração*:

TIPO DE ORAÇÃO	nº de ocorrências / Total	Frequência
Encaixada	3/113	3%
Matriz	19/373	5%
TOTAL	22/486	5%

3) Regência da Preposição

Na tabela 3, constatamos que as preposições *de* e *em* desfavorecem a flexão de caso. Esse aspecto coincide com o das funções sintáticas acima mencionadas (*complemento circunstancial e oblíquo*) como favoráveis à não-flexão, uma vez que são regidas por estas preposições. (ex: *ele vem botá isso ni eu; eles depende de eu*).

Tabela 3: Pronomes não-flexionados de *1ª pessoa* de acordo com a *regência da preposição*:

REGÊNCIA DA PREPOSIÇÃO	nº de ocorrências / Total	Frequência
Sem preposição	35/387	9%
Preposição <i>para/ por</i> (indireto)	2/77	3%
Preposição <i>com</i> (indireto)	2/38	5%
Preposição <i>de/em</i> oblíquo/circunstancial	7/23	30%
TOTAL	46/525	9%

4) Faixa etária

Os dados acerca da variável social *faixa etária* demonstraram que não estamos diante de um padrão de mudança em curso no português afro-brasileiro, uma vez que a diferença de porcentagem de uma faixa para outra é mínima. Todavia, constatamos, de acordo com a tabela 4, que a faixa quatro (mais de 80 anos) é a que menos flexiona os pronomes. Isso demonstra que esses falantes foram os que mais guardaram os vestígios do processo de *transmissão linguística irregular*.

Tabela 4: Pronomes não-flexionados da 1ª pessoa em função da variável social *faixa etária*:

FAIXA ETÁRIA	nº de ocorrências / Total	Frequência
FAIXA I (20 a 40 anos)	6/74	8%
FAIXA II (41 a 60 anos)	17/180	9%
FAIXA III(mais de 60 anos)	7/152	5%
FAIXA IV (mais de 80 anos)	16/119	13%
TOTAL	46/525	9%

5) Sexo

A variável social *sexo* atendeu às nossas expectativas, pois, observando os dados (cf. tabela 5), percebemos que as mulheres flexionam menos os pronomes do que os homens. Isso pode ser explicado pelo fato de que os homens estão inseridos no mercado de trabalho, recebendo, portanto, uma maior influência da norma culta, enquanto as mulheres permanecem no ambiente doméstico, mantendo assim as formas mais conservadoras.

Tabela 5: Pronomes não-flexionados de 1ª pessoa em função da variável social *sexo*:

SEXO	nº de ocorrências / Total	Frequência
Feminino	38/278	14%
Masculino	8/247	3%
TOTAL	46/525	9%

6) Escolaridade

Na tabela 6, os dados revelaram que os analfabetos flexionam mais do que os semi-analfabetos. O resultado não surpreende tanto, uma vez que nas comunidades analisadas, são considerados como semi-analfabetas pessoas que apenas assinam o nome ou que possuem um baixo nível de escolaridade, o que acaba não interferindo significativamente na fala destas pessoas.

Tabela 6: Pronomes não-flexionados de 1ª pessoa em função da variável social *nível de escolaridade*:

NÍVEL DE ESCOLARIDADE	nº de ocorrências / Total	Frequência
Semi-Analfabeto	17/169	10%
Analfabeto	29/356	8%
TOTAL	46/525	9%

7) Estada fora da comunidade

Neste item, constatamos que as pessoas que passaram pelo menos seis meses fora da comunidade tendem a realizar mais a flexão dos pronomes (cf tabela 7). Entretanto, fica evidente que a diferença em relação às pessoas que nunca saíram da comunidade é mínima.

Tabela 7: Pronomes não-flexionados de 1ª pessoa em função da variável social *estada fora da comunidade*:

ESTADA FORA DA COMUNIDADE	nº de ocorrências / Total	Frequência
Passou pelo menos seis meses fora da comunidade	19/225	8%
Não passou um tempo significativo fora da comunidade	27/300	9%
TOTAL	46/525	9%

8) Comunidades

Em relação às comunidades, fomos surpreendidos, pois Sapé aparece como a comunidade que menos flexiona os pronomes (cf. tabela 8), estando, portanto, mais distante da fala culta. Esperávamos que em Helvécia e Cinzento os falantes realizassem menos a flexão de caso, pois estas comunidades são as que guardam os maiores vestígios do processo *transmissão lingüística irregular*.

Tabela 8: Pronomes não-flexionados de 1ª pessoa em função da variável *comunidade*:

COMUNIDADES	nº de ocorrências / Total	Frequência
Helvécia	12/196	7%
Cinzento	12/184	6%
Rio de Contas	3/35	3%
Sapé	18/110	16%
TOTAL	46/525	9%

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa, desenvolvida com base no modelo teórico-metodológico da Sociolingüística Variacionista, apresentou uma análise acerca da flexão de caso no português afro-brasileiro, em que guardam vestígios de um processo anterior de *transmissão lingüística irregular*.

De posse dos resultados, percebemos que há um grande número de ocorrências com os pronomes flexionados, totalizando 94% de realização. Entretanto, ressaltamos que 6% de realização de pronomes não flexionados é um resultado significativo para a nossa pesquisa,

sendo possível definir os fatores condicionadores do fenômeno variável. Além disso, devemos registrar ocorrências em que a partícula *mais* desempenha o papel de nexos preposicionais (ex: *Joselito foi à missa mais*), sendo que o pronome pessoal não se flexiona categoricamente nessas estruturas. Essa construção, típica da língua popular e rural, diverge bastante da norma culta, reforçando a idéia de polarização da realidade lingüística brasileira, defendida por Lucchesi (2001).

Nesse estudo, observamos também que as diferenças identificadas entre as variedades urbanas, em que o sistema de flexão pronominal de caso está bastante preservado, e essa variedade do português brasileiro, em que a flexão de caso dos pronomes em determinados contextos é mínima, reforçam a hipótese do contato entre línguas na formação do português popular brasileiro, uma vez que existem no dialeto rural afro-brasileiro características semelhantes às das línguas *crioulas*, o que também já foi demonstrado em outros estudos elaborados no âmbito do *Projeto Vertentes*.

Com a realização deste trabalho, procuramos ampliar a visão acerca do fenômeno lingüístico em foco, deixando algumas lacunas que poderão ser preenchidas a partir da elaboração de um estudo comparativo com as comunidades rurais não marcadas etnicamente.

REFERÊNCIAS

ALMADA, Maria Dulce de Oliveira. *Cabo Verde: contribuição para o estudo do dialecto falado no seu arquipélago*. Lisboa, n.55,1961.

LUCCHESI, Dante. O conceito de transmissão lingüística irregular e o processo de formação do português do Brasil. In: RONCARATI, Cláudia (Org.). *Português Brasileiro*. Rio de Janeiro: Viveiros de Castro Editora, 2003. p. 272-283.

LUCCHESI, Dante. *As duas grandes vertentes da história sociolingüística do Brasil (1500-2000)*. D.E.L.T.A., São Paulo, v. 17, 2001, p. 97-130.

MONTEIRO, José Lemos. *Pronomes pessoais*. Fortaleza: Edições UFC, 1994.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa Sociolingüística*. São Paulo: Ática, 1986.